

Espaço Crítico: Discursividades sobre a (In)visibilidade Indígena na Escola

*Critic Dimension: Discursivities
about the Indigenous (In) visibility in School*

ALEXANDRE HENRIQUE MONTEIRO GUIMARÃES*
& ISABELA NASCIMENTO FRADE**

Artigo completo submetido a de Maio de 2018 e aprovado a 09 de Maio de 2018

* Brasil, professor e pesquisador. Afiliação: Espaço Cultural do Colégio Pedro II. Campo de São Cristóvão, 177 – São Cristóvão, Rio de Janeiro/ Brasil, CEP 20921-440, Brasil. E-mail: eultural@cp2.g12.br

** Brasil, Professora e pesquisadora. Afiliação: UERJ – PPGARTES, São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro/ Brasil, CEP 20550-900, Brasil. E-mail: isabelafrade@gmail.com

Resumo: Trazemos à tona algumas questões que contemplam a produção de um currículo crítico – espaço para problematizar o seu conteúdo e seus modos de processualidade, elencando para esse esforço a reflexão sobre a produção de arte indígena contemporânea no Brasil. Apresentamos o encontro de duas situações: as apresentações do artista macuxi Jaider Esbell na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no evento “Fronteiras Críticas” envolvendo estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais e algumas vivências em aulas de artes da educação básica do Colégio Pedro II que, também em desdobramentos da produção de Esbell e alimentadas por outros novos processos de criação indígena, apresentaram situações atravessadas por problemas de

Abstract: *We bring to light some questions that contemplate the production of a critical curriculum - problematizing its content and its processing modes, electing for this effort the production of contemporary indigenous art in Brazil. We focus on two situations: the presentation of the macuxi artist Jaider Esbell at the State University of Rio de Janeiro at the event “Critical Borders” involving students in Visual Arts and some experiences in arts classes at the elementary school “Colégio Pedro II” - which, also in unfolding of the production of Esbell and fed by other processes of indigenous creation, develops situations crossed by problems of gender, resistance and alterity. We reflect on the subject through concrete situations, establishing the convergence between training and effective teaching driven by the expectation*

gênero, resistência e alteridade. Refletimos sobre o tema a partir de situações concretas, estabelecendo a convergência entre a formação e as efetivas práticas docentes em artes na expectativa de romper com matérias conceituais opacas nos currículos e nas práticas escolares.

Palabras clave: fronteiras críticas / cultura indígena / arte contemporânea / currículo do ensino fundamental.

of breaking with opaque conceptual subjects in curriculums and practices.

Keywords: *critic borders / indigenous culture / contemporary art / elementary school curriculum.*

1. Introdução: abrindo-se à discursividade crítica inspiradas pelas vozes da floresta

Eu não vi as coisas de que eu falo no papel dos livros nem em peles de imagens. Meu papel está dentro de mim e me foi transmitido pelas palavras dos meus maiores.

David Kopenawa, xamã yanomami

Buscando refletir sobre a convergência entre a formação e as efetivas práticas docentes em artes, desejamos abrir um campo de diálogo para possíveis trocas com este congresso trazendo à tona algumas das questões que contemplam a produção de um currículo crítico – espaço para problematizar o seu conteúdo e seus modos de processualidade, elencando para esse esforço a questão das culturas indígenas no Brasil. Assim, nos perguntamos sobre as situações fronteiriças entre as expressões ameríndias e suas apropriações, ressignificações e deslocamentos neste campo formativo e seus desdobramentos nas práticas pedagógicas que dão corpo ao ensino das artes em um país com 225 culturas indígenas vivas e com mais de 70 tribos ainda não contactadas. Levantamos estratégias para se pensar em abordagens mais próximas dessas distintas etnias, muitas delas desconsideradas, tratadas de modo genérico e redutor. Para tanto, observamos os espaços que vem sendo ocupados pelas falas e imagens dos grupos indígenas – considerados espaços críticos – e nos cenários e processos educacionais em arte, detectando as tensões políticas em jogo, as delicadas tramas das distintas discursividades – entre silenciamento e reconhecimento – das lutas indígenas. No desenvolvimento destas questões, este trabalho oferece a oportunidade de compartilhar o encontro de duas situações: as apresentações do artista macuxi Jaider Esbell na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no evento “Fronteiras Críticas”, organizado pelo grupo de pesquisa Observatório de Comunicação Estética – OCE/CNPQ, envolvendo os estudantes do curso

de Licenciatura em Artes Visuais e a outra, sobre algumas vivências em arte ocorridas em diferentes classes do Colégio Pedro II que, também em desdobramentos da produção de Esbell e novos processos alimentados na exposição Dja Guata Porã - Rio de Janeiro Indígena, com curadoria de Sandra Benites, líder feminista guarani, e em adesão à filmografia que integra a Mostra Cine TEKHOA, seguiu promovendo situações atravessadas por problemas de gênero, resistência e alteridade, na expectativa de romper com matérias conceituais opacas no currículo e nas práticas escolares. (Figura 1)

2. Das visibilidades (im)possíveis: por uma arte indígena contemporânea

Uma das questões prementes para iniciarmos a reflexão da arte indígena é sua extemporaneidade. Apresentada na condição de primitividade, a ela é atribuída a qualidade de sua condição originária, sendo apreciada por sua força e pureza. Além destes atributos estéticos, podemos observar projeções morais, ao ser referida como elemento conformador da memória identitária nacional. Na maior parte das expressões escolares contidas nas referências à cultura indígena se sobrepõe a terminologia “artesanato” - que se fazem iniciar por uma amostragem de fotografias de artefatos indígenas, quase sempre imagens descontextualizadas, recortadas de revistas eletrônicas, perdidas suas referências aos processos de fabricação, aos modos de uso e sentido cosmogônico do objeto. Sob a imagem do exotismo, a cultura material indígena é relegada ao passado, notadamente concebida como algo residual. A esse modelo tradicional de abordagem, assistimos hoje a mobilização de agentes culturais indígenas que assomam à cena artística contemporânea e se constituem como artistas, artistas contemporâneos. A estes dedicamos os nossos esforços de pesquisadores, no reconhecimento de sua verdade mais profunda; estes que falam e se apresentam como sujeitos do mundo atual, pessoas que, mesmo vindas das margens do mundo ocidental, adquiriram o poder de expressão da arte para poderem dizer: estamos vivos!

É importante que as escolas comecem a pensar os indígenas como seus contemporâneos, ou seja, como grupos que estão vivendo este mesmo tempo, com todas as suas facilidades tecnológicas e, mesmo assim, procurando manter vivas suas tradições. Assim, todos poderão perceber que são povos que lutam por dignidade e pelo direito de manter suas formas ancestrais de vida. (Munduruku, apud Fernandes, 12 de abril de 2018).



Figura 1 - A Terra de Makunaima - tela do artista macuxi Jaider Esbell. Uma de suas raras paisagens, apresenta o monte Roraima, morada do divino herói Makunaima. Esbell adaptou a pintura em acrílica da qual anteriormente fazia uso, ao desenho colorido com as canetas POSCA, que usa com inventividade e maestria.
Fonte: arquivo da pesquisa.

Daniel Munduruku, liderança indígena de expressão nacional, em entrevista ao jornal Multirio (Op. cit.), tenta orientar educadores para a inserção dos conhecimentos sobre os povos indígenas nas escolas, alertando sobre os aspectos negativos da abordagem generalista na data comemorativa escolar “Dia do Índio”: - “Aqui não tem índio, tem indígena”. No dia de 19 de abril deste ano (2018), Maurílio Soares, professor da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, postaria o texto de Munduruku citado acima em sua página no Facebook com a chamada: “Índio não é Fantasia». Além de Maurílio, observamos que vários pesquisadores, artistas e educadores mobilizaram-se nesta data para discutir e propor novas abordagens sobre o tema. Essa data comemorativa foi criada no Brasil em 1943, por decreto do então presidente da República, Getúlio Vargas, é um marco político que exige seu regresso como denominador de lutas promovidas pelas próprias comunidades indígenas:

A escolha do dia 19 de abril é uma referência à data em que lideranças indígenas se reuniram pela primeira vez em assembleia, no Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, realizado no México em 1940. Fora do continente americano, a homenagem é feita no dia 9 de agosto, por determinação da Organização das Nações Unidas (ONU). (Op. Cit.).

Com efeito, preocupados em ampliar este debate, pensamos na organização do evento “Fronteiras Críticas”, ocorrido nos dias 27 e 28 de novembro de 2017 no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujas bases ainda nos mantêm motivados a criar um ambiente favorável para se tratar destas e de outras questões indígenas historicamente invisibilizadas que, de alguma forma, acabam atingindo o terreno educacional em artes. Nesta primeira edição, portanto, convidamos o artista Macuxi Jaider Esbell para ajudar a promover, com seus saberes, vivências e provocações, esta reflexão junto a formação acadêmica continuada de professores e licenciandos em artes, a constituir novos olhares, levando aos participantes a refletirem sobre discursividades para além das concepções ultrapassadas, de cunho preconceituoso, distorcidas, mas que ainda sobrevivem em leituras equivocadas sobre as abordagens pedagógicas em diversas realidades escolares. Assim, estabelecendo contato com as narrativas trazidas por Jaider, propomos estimular a percepção de desconstrução de generalidades e estereótipos que, infelizmente ainda se mantêm no imaginário do povo brasileiro, impregnada também em segmentos de nossa educação. Tal movimento de atualização desta proposta também foi feito conjuntamente por meio da uma imersão frutiva junto à sua obra artística. Importante ressaltar que a intenção continua

sendo de oferecer campo de abertura à diversas narratividades indígenas, seja pelas artes plásticas, pela produção áudio visual, pela literatura e ilustrações de livros, entre outras formas de expressão e de re-existência. Jaider, inclusive, nesta ocasião, levou alguns títulos em que há sua efetiva participação, tais como "Tardes de agosto, manhas de setembro e noite de outubro" (2013) e o livro de poesia escrito conjuntamente com Devair Fiorotti, intitulado "Urihi: nossa terra, nossa floresta" (2015), compartilhando com todos um novo horizonte perceptivo acerca das potencialidades e habilidades indígenas. Desse modo, foi se construindo este evento, mobilizando um encontro entre escola, universidade e a cultura Macuxi por intermédio da articulação impactante deste artista, portador de uma obra repleta de cosmovisões expandidas, onde podemos reconhecer o vibrante coexistir de formas que se criam entre ancestralidades e imagens advindas do mundo globalizado.

Jaider Esbell é recebido na universidade como um agente propositor de uma arte indígena contemporânea: possui aceitação pelo grande público, emergindo nesse cenário pelo impacto de seu trabalho.

No segundo dia de "Fronteiras Críticas" (Figura 2), Jaider Esbell e a indígena guarani Sandra Benites estiveram juntos na mesma mesa, acompanhados das pesquisadoras Damiana Bregalda Jaenisch e Cristina Campos, cujos estudos, embora distintos, se concentram na base do interesse comum de lidar com as manifestações indígenas do país, apresentando, respectivamente, suas pesquisas sobre a arte Kaingang e a plástica corporal Xavante. Damiana, inclusive, bastante motivada pelo momento e aliando-se ao seu campo de estudo na relação entre as artes índias e a arte contemporânea, com ênfase nos estudos entre dança e performance, chegou a criar uma dinâmica corporal em que a plateia presente pôde interagir com a sua pesquisa, pisando conjuntamente a cada troca de imagens que iam sendo projetadas. Jaider completou sua participação do dia anterior, apresentando vídeos sobre suas vivências em seu território na floresta, conectando-se à cosmovisão de seu povo com a natureza, somando-se ao relato de sua formação de artista autodidata. Sandra Benites, além de apresentar parte de sua história e de suas lutas, tratou das questões escolares, cujas experiências também se encontram em seu trabalho acadêmico que discute a educação tradicional guarani e a educação tradicional indígena. "O sistema educacional precisa oendu (escutar) os povos indígenas, suas comunidades e entender e respeitar os contextos locais nas quais estão inseridas." (Benites, 2015).

O encontro foi muito produtivo, possibilitando o atravessamento dos espaços reflexivos entre várias etnias e suas realidades distintas, envolvendo em uma

**O programa de pós-graduação em artes da uerj
convida para a palestra do artista**

Jaider Esbell




fronteiras Críticas
Arte indígena contemporânea

27/11 e 28/11
Local: auditório 11033 - Horário: 17h30
Instituto de Artes da UERJ
Rua São Francisco Xavier, 524 - 11º andar - bloco E
Maracanã - 20550-010 - Rio de Janeiro - RJ

Jaider Esbell
Sandra Benides
Miguel Wera
Cristina Campos
Damiana Bregalda

Coordenação: Isabela Frade



realização:



apoio:



Figura 2 · Cartaz de divulgação do evento “Fronteiras Críticas” com a imagem do artista Macuxi Jaider Esbell na UERJ. Fonte: arquivo da pesquisa.

mesma roda de conversa os saberes da floresta, a escola brasileira (representada por professores também presentes), além da própria universidade, junto ao Instituto de Artes da UERJ, abrigando alunos e docentes dos cursos de graduação e pós-graduação. Todos interessados em romper criticamente fronteiras entre os campos de conhecimento, entre a hierarquias de saberes e vislumbrar novos modos de lidar com a questão indígena no contexto das graves crises ambiental e política do Brasil de hoje.

3. Espaços críticos convergentes na educação em artes: abordagens indígenas no tecido pedagógico entre o Pedrinho e o Pedrão

Acreditando, conhecendo, amando e, sobretudo, confiando. Nossa maior crise é a falta de fé, em nós, em nossa identidade, em nossa capacidade. Quando eu saí do mato foi para vencer, falar de tudo, de mim e de você. É isso...mesmo, individualismo não dá, talento é para socializar e o povo é para apoiar. O artista vai e diz vão lá ver o povo sendo feliz! Já tenho tudo, quero proporcionar e junto comemorar, vamos! (Esbell 2016 : s/p.)

Propondo questões urgentes para produzir o debate sobre as (in)visibilidades indígenas em contextos diversos de conhecimento e aprendizagem, impactados pelos saberes da floresta e pelo campo teórico do multinaturalismo (Castro 2002), compartilhamos, nesta segunda etapa do texto, outras reflexões acerca de algumas experiências que podem ajudar a suscitar novas respostas ou questionamentos no terreno pedagógico em artes. Assim, criando ambiente de aproximação entre os alunos do Colégio Pedro II com os testemunhos de Davi Kopenawa em sua narrativa mítica sobre A queda do céu (2015), unindo-se às provocações anunciadas pela exposição Dja Guataparã de curadoria indígena de Sandra Benites no Museu de Arte do Rio, envolvendo-se com mostra de Cinema Indígena TEKHOA pela ótica do guarani Alberto Álvares, aliando-se ao discurso e da obra contemporânea do artista Macuxi Jaider Esbell; aos poucos, permitiu-se que alguns trabalhos pedagógicos pudessem ser pensados e desenvolvidos tanto no primeiro segmento quanto segundo segmento do Ensino Fundamental, durante as aulas de Artes Visuais que integram o corpo de disciplinas desta instituição de ensino público do país. Em todos os trabalhos, a percepção e a tomada de consciência crescente entre os alunos de que a produção indígena está viva e que associações equivocadas de [mal] tratá-la como culturas pretéritas e estagnadas no tempo, ligadas a um passado determinado, logo foram sendo questionadas em cada experiência proposta.

No Campus São Cristóvão I, em meio as aulas de Artes Visuais do “Pedrinho”

– como carinhosamente costuma-se chamar o primeiro segmento do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II –, uma das turmas do 2º. ano dirigidas pelo professor André Pires, passou a desenvolver trabalho de temática indígena, cuja relação processo/ resultado consideramos interligada com as questões ora trazidas à tona. Nesta oportunidade, ocorrida em 2017, aproximando-se da produção plástica do artista Macuxi Jaider Esbell, foi muito significativa a estratégia de exibição conjunta das reproduções coloridas do artista, acompanhadas de uma fotografia em que se via sua emblemática figura em seu ateliê, em ocasião do prêmio-pipa de 2016. A intenção era de provocar perante os alunos uma leitura visual das obras sem que se omitisse das crianças o rosto responsável pela autoria daquela produção, enfatizando uma visualidade face a face, lida segundo a lógica de uma temporalidade presente, promovendo neste ambiente pedagógico específico, situação favorável a uma abordagem crítica, onde as invisibilidades indígenas na escola passam a ser questionadas, refutando-se tais conteúdos como fenômenos pertencentes a um passado distante sem, propriamente, possuir elo com a atualidade. Em entrevista concedida especialmente para a produção deste texto, o professor André Pires foi nos fornecendo vários dados acerca de como teria acontecido esta conexão pedagógica:

O trabalho sobre as pinturas indígenas é de um eixo temático que faz parte do encaminhamento curricular do Pedrinho. Já tinha passado pelos grafismos, especificamente Kaiapó, já tinha feito alguma coisa com kadiwéu também e o exercício ainda estava mais para as questões do traço, do grafismo, da abstração indígena...até que me conectei a uma informação que tinha ocorrido no grupo no começo do ano, há meses atrás, que foi um compartilhamento via whatsapp de imagens (...) logo me identifiquei com este trabalho e, digamos, guardei a oportunidade trabalhar em sala de aula. Inicialmente, na minha cabeça, eu iria trabalhar estas questões trazidas pelo trabalho do Jaider no Ensino Fundamental II, justamente para fazer uma associação com as questões sociais que envolvem a identidade indígena. Mas, no entanto, a oportunidade surgiu no Pedrinho...

Curiosamente, mesmo passando e tendo contato com diferentes visualidades indígenas, as crianças parecem ter compreendido tratar-se de uma produção indígena absolutamente contemporânea, portadora de uma poética em que as formas da floresta se presentificam envolvendo, no mesmo fluxo, a sensibilidade deste artista junto às questões políticas-ambientais do nosso tempo, somadas às cosmogonias de seu povo. Assim, diferentemente dos grafismos Kadiweu e Kaipó – trabalhados anteriormente, conforme relato, colocou-se em causa uma produção de caráter singular e atual retirando,

na prática, a imagem de um pensamento discriminatório e genocida onde, como em muitos livros didáticos sugerem, situados em capítulos da pré-história ou próximos as imagens que integram a produção de populações já extintas. Assim, o trabalho desenvolvido, assim como este texto também pretende alertar, queremos corrigir um erro histórico dos livros e muitas vezes mantidos em nossos currículos de nossa educação básica, onde as artes indígenas não aparecem em suas variadas formas de expressões artísticas, mas sempre ligadas a um regime de artesanaria, vinculada a fazeres que mais se relacionam com a infância do mundo do que propriamente com os discursos da contemporaneidade. Segundo, a reportagem intitulada "Premio Pipa 2016: vote indígena, vote Macuxi", se escreveu a respeito da arte desenvolvida pelo artista Jaider Esbell:

Jaider Esbell é um artista Macuxi da Amazônia. O trabalho de Esbell enviesa ainda mais o caos das expressões humanas e não humanas, as forças da floresta, dos seres, emanam da arte do filho do tempo, de todas as influências: ancestralidade, conhecimento, memória, diálogos, plasticidade contemporânea, política global, o ser local, xamanismo visual, poder. Palavra imagem, som, silêncio – comunicação em todas as linguagens. A arte de Jader exige, para além dos sentidos, imersão. (Pereira 2016: s/p.)

Eduardo Pereira – 04.08.2016

Fonte: Premio Pipa 2016: vote indígena, vote Macuxi

Importante registrar que logo na abertura do evento "Fronteiras Críticas", todos os presentes tiveram a oportunidade de ver estes mesmos trabalhos expostos, gerando grata surpresa para o artista convidado (Figura 3). Neste primeiro dia, então, face a face com o resultado artístico atingido pelos alunos do Pedrinho, Jaider se emociona com a recepção e resolve gravar um vídeo de agradecimento, compartilhado pelas redes. Tais trabalhos, expostos no auditório do Instituto de Artes da UERJ, ajudaram a construir um espaço privilegiado de encontros.

Olá! Queria dar um alô especial para galerinha do Colégio D. Pedro II! Estou muito feliz! (...) Cada um em si compôs uma energia própria e se fez aqui um mosaico com uma harmonia muito grande, dá vontade de deitar como se fosse exatamente uma rede! Impressionado pela qualidade artística do material Essa é apenas uma das funções que a arte pode fazer em nossa vida!

Possivelmente este trabalho tenha sido influenciado por uma parceria já existente entre o Professor André Dias Pires e sua colega, a Professora Maria



Figura 2 · O artista Macuxi Jaider Esbell em encontro na UERJ junto com trabalhos dos alunos do colégio Pedro II. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Cristina Rezende que juntos escreveram o artigo intitulado “Corpo pintado: traços de identidade, marcas da diferença”, publicado no livro “Relações Étnico-Raciais e Currículo: temas e abordagens (Souza 2017). Neste texto, percebe-se a vontade de se criar uma nova maneira de se pensar as artes índias na escola, onde os conhecimentos possam ser melhor aprofundados e discutidos, mantendo-se o elo com a contemporaneidade. Tendo o corpo como suporte, esta reflexão realizada conjuntamente, envolveu tanto detalhes específicos da pintura Xavante, como uma abordagem pedagógica onde os alunos puderam relacionar os usos estéticos do corpo de seu cotidiano juvenil às marcas e grafismos corporais presentes em outros povos.

Em outro comentário realizado pelo professor André Dias Pires, tratando justamente deste artigo, afirma que os próprios alunos passaram a questionar o fato de a ornamentação indígena aparecer muitas vezes associada “exclusivamente com o momento de guerra e ação agressiva dos mesmos”, enfatizando questões de preconceito, apresentados sem a devida contextualização. Neste mérito, Davi Kopenawa nos chama atenção da seguinte forma:

Durante minhas viagens às distantes terras dos brancos, ouvi alguns deles declararem que nós, Yanomami, gostamos de guerra e passamos nosso tempo flechando uns aos outros! Porém os que dizem essas coisas não conhecem nada de nós e suas palavras só podem ser equivocadas ou mentirosas. (Kopenawa 2015:440)

Desejando-se estender a compreensão de temporalidades distintas, mediadas pelos mitos, cosmogonias diversas, em maior aprofundamento sobre as visualidades ameríndias, apresentamos outra experiência escolar. Assim, Alberto Álvares, artista e cineasta guarani, também teve satisfação semelhante a de Jaidier Esbell, ao ser recebido com a produção estética dos alunos do Colégio Pedro II, desta vez, do oitavo ano do Ensino Fundamental II, estudantes do Campus Engenho Novo II. Em sua visita para uma roda de conversa acerca das narrativas filmicas que integram o Cine TEKOKHA – projeto do qual é representante –, Alberto pôde encontrar no próprio recinto da biblioteca, adaptada especialmente para a mostra de cinema indígena neste campus, um corredor de exposições com diversos trabalhos produzidos ao longo do ano letivo de 2017 com a temática da diversidade indígena existente no Brasil. Para ter se chegado neste resultado, foi desenvolvido junto as turmas de oitavo ano, enfrentando questões curriculares demasiadamente eurocentradas, a oportunidade olhares mais abertos às visualidades indígenas na escola. Ao longo das aulas, buscou-se criar estratégias pedagógicas simétricas, mudando

itinerários curriculares, atalhos para o encontro das questões identitárias indígenas: aproveitando o tema dos componentes curriculares obrigatórios sobre Missão Artística Francesa, bem como a visão trazida pelos artistas viajantes europeus – expressa em gravuras, pinturas ou registros em aquarela –, resolveu-se contrastar tais aos olhares ao perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro 2002). Desta forma, os alunos foram convidados a produzir painéis, percebendo e cruzando diferentes aspectos sobre as temáticas indígenas, defendidas por ângulos distintos. Antes, porém, os alunos do oitavo realizaram incursões em pequenos grupos à exposição “Dja Guata Porã – Rio de Janeiro Indígena”, em cartaz no Museu de Arte do Rio. A orientação foi para que realizassem uma imersão nos mundos das múltiplas formas de viver, conhecendo a realidade de luta e resistência de inúmeras etnias indígenas brasileiras, se aproximando, de alguma forma, dos recortes expositivos desta mostra.

Dja Guata Porã – Rio de Janeiro Indígena quer intervir com uma reflexão sobre a realidade indígena no Rio de Janeiro hoje, bem como sobre o passado que desaguou neste presente. Se a recente história política brasileira tem precipitado a emergência de uma luta indígena organizada, com pautas amplas e precisas (do respeito pela diversidade à demarcação de terras), os museus, como lugares da cultura do presente, precisam fazer eco a essa luta.

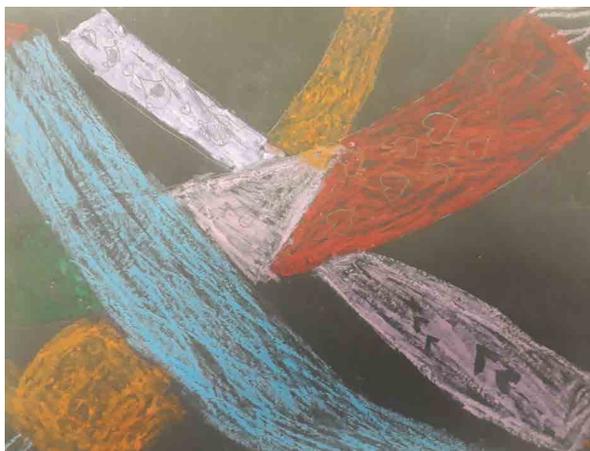
[Fonte: www.redebrasilatual.com.br - Redação Rede Brasil Atual – 20/05/2017]

Outros trabalhos também foram, aos poucos, sendo incorporados (Figura 4), tendo as mesmas turmas de oitavo ano realizado releituras diversas sobre distintas obras de Jaider Esbell, a exemplo do que acontecera com as turmas do Pedrinho, anteriormente consideradas. Importante dizer que o trabalho sobre a diversidade de etnias indígenas desenvolvido em várias etapas por estes alunos também dialoga com um olhar pós-abissal, onde atitude “não-derivativa” também entraram em causa, pensando-se “a partir da perspectiva do outro lado da linha” (Santos 2009:44), aliando-se também às questões do multinaturalismo, abriu-se campo para uma valorização das qualidades e as multiplicidades dos discursos míticos, nas temporalidades que fogem ao cronos ocidentalizante, reorganizando o pensamento estético a respeito das sociedades indígenas:

Em oposição às imagens dos viajantes europeus, em um exercício tratado em sala de aula como “desdebretear” ou de “desdebreteizar”, os alunos foram trocando impressões e compartilhando acervos distintos em que se considera-se não propriamente a visão idealizada e distanciada de Debret, envolvendo-se e familiarizando-se com diversas etnias – Guaranis, Marubos, Karajás, Ticunas,



Figura 4 - A visão construída sobre os índios, segundo o olhar dos alunos do Campus Engenho Novo II, em conexão com seus acervos pesquisados e com a exposição Dja Guata Porã — Rio de Janeiro Indígena — Museu de Arte do Rio. Fonte arquivo da pesquisa.



Trabalho realizado no Pedrinho — CSCI



Trabalho realizado no Pedrão — CEEN II

Figura 5 · Trabalhos dos alunos do Colégio Pedro II, inspirado na obra do artista Macuxi Jaider Esbell. Fonte própria.



Figura 6 - O artista Macuxi Jaider Esbell retorna ao Colégio Pedro II, propondo aos alunos do Ensino Médio e do Pedrinho de São Cristóvão, a construção de uma obra colaborativa e efêmera, tratando da narrativa protagonizada pela onça e pelo jabuti. Fonte própria.

Figura 7 - O artista Macuxi Jaider Esbell retorna ao Colégio Pedro II, propondo aos alunos do Ensino Médio e do Pedrinho de São Cristóvão, a construção de uma obra colaborativa e efêmera, tratando da narrativa protagonizada pela onça e pelo jabuti. Fonte própria.

Caetés, Puri, Pataxó, Kadiwéu, Ianomamis, Caiapós, Potiguaras, entre outras etnias existentes nas fronteiras da mata amazônica do litoral brasileiro –, montando seus próprios acervos e cadernos e imagens.

Curiosamente, observando os dois trabalhos desenvolvidos pelos alunos (Figura 5), verifica-se diferenças formais de aproximação visual às obras de Esbell: enquanto os alunos do Pedrão se ativeram, em sua maioria, a figuração explícita de bichos, facilmente identificáveis sobre o fundo preto, as crianças do Pedrinho se expressaram revelando uma construção visual que valoriza a abstração, em soluções criativamente expandidas. Estes últimos, tendo como referência uma única obra sobre a temática das redes, puderam, utilizando a técnica de giz pastel, multiplicar seu anúncio, em releituras particularmente expressivas.

Como forma de valorizar ainda mais as discursividades dos povos indígenas, agradecendo a todos que ajudaram a promover as ideias e as experiências deste texto, compartilhamos duas imagens da visita realizada por Jaider Esbell ao Colégio Pedro II, em abril de 2018, onde propôs uma obra colaborativa aos alunos presentes, resultando em dois desenhos coletivos feito em diálogo vivo com a natureza e com os saberes da floresta. (Figura 6 e Figura 7)

4. (In)conclusões críticas

Desejamos que as reflexões e as experiências aqui apresentadas possam oferecer a todos os que se interessam em trabalhar com abordagens emancipadoras nas escolas algumas possibilidades de abordagem às diferenças em seu estímulo à construção de um mundo multicultural, demonstrando ser possível avançar em situações pedagógicas em que currículos possam ser questionados, ampliando os espaços críticos de abordagem acerca das suas (in)visibilidades. Um multiculturalismo cultivado mas não apaziguado, nem escondidas as suas diferenças, mas no qual os espaços críticos sejam reconhecidos e suas fronteiras se constituam como lugar de diálogos.

No caso propriamente abordado – as artes indígenas contemporâneas frente ao conhecimento sistematizado acadêmico e escolar – deixamos as indagações para seguir em aprofundamento: - Como se aproximar das narrativas dos povos da floresta, se permanecemos atrelados às peles de papel (2015), nos termos enfatizados pelo xamã Davi Kopenawa? E como adentrar em outros universos onde vigoram não apenas as palavras, mas também as cores e formas pujantes elaboradas por outras métricas, materialidades vívidas que se apresentam aos sentidos e que nos levam `as cosmovisões presentes na Terra Makunaima?

Esperamos que este texto ofereça impulso para o repensar as abordagens das diferenças culturais na escola – considerando a condição contemporânea

dos povos indígenas – afirmando seu vigor crítico ao próprio estatuto do saber e das condições de vida atuais, seja na aldeia, seja na cidade, no país ou mesmo na educação básica e especialmente na universidade, junto ao trabalho da formação docente, papel que este congresso ajuda a cumprir, oferecendo espaço crítico para ampliação desse debate. Assim, conforme a expressão guarani Dja Guata Porã sugere e significa, esperamos caminhar coletivamente, nos mantendo em diálogo com os saberes indígenas e as vozes dos povos da floresta.

Referências

- Castro, Eduardo Viveiros de (2002) *Perspectivismos e multinaturalismos: a inconstância da alma selvagem*. Cosac & Naify. São Paulo.
- Kopenawa, Albert; Bruce, Davi. (2015) *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Cia das Letras.
- Santos, Boaventura de Souza & Menezes, Maria Paula (orgs) (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- Souza, Cristiane Gonçalves de. (2017) *Relações étnico-raciais e currículo: temas e abordagens*. Curitiba: CRV.